

A coligação democrática e republicana ampla é necessária para bloquear a extrema-direita na França

A pontuação historicamente alta da extrema-direita nas eleições legislativas francesas de primeiro turno refletiu-se manchetes alarmantes de meios de comunicação internacionais de renome. Uma "terremoto", um "colapso estonteante" autorado pela "arrogância e desprezo" de Emmanuel Macron por seus concidadãos foram algumas das reações. No entanto, apesar da iminência da potencial catástrofe que agora enfrenta a França - a extrema-direita nunca esteve tão perto do poder desde o regime colaboracionista de Vichy - muitos no centro político ainda lutam com a ideia de se unirem para mantê-la fora do poder.

Macron conflitou irresponsavelmente a extrema-direita e a esquerda durante a campanha, alegando que os "dois extremos" (direita e esquerda) levariam à "guerra civil". Sua retórica equiparou falsamente a extrema-direita odiosa com uma coligação de partidos à esquerda (o Novo Frente Popular, NFP) que aspira à igualdade e à justiça social. Ele mesmo adotou os argumentos da extrema-direita para atacar o programa "imigracionista" da esquerda.

Macron acabou por chamar para uma "coalizão democrática e republicana ampla" no segundo turno para unir-se para bloquear "o perigo iminente de uma maioria absoluta para o RN". No entanto, leva tempo para que mesmo pesos-pesados seu partido o atendam. Muitos se recusaram a se retirar, egoisticamente correndo o risco da eleição de candidatos do RN para o parlamento.

Para Yaël Braun-Pivet, presidente da assembleia nacional, bloquear o RN não era suficiente para votar no France Insoumise (FI), o principal partido à esquerda. O ministro das Finanças Bruno Le Maire concordou, se opõe ao RN a menos que isso signifique votar no FI.

A mensagem da coalizão de Macron é misturada: o partido anunciou que os candidatos se retirariam das corridas de distrito "a favor de candidatos capazes de derrotar o RN e com quem compartilhamos os valores da República". A ambiguidade da declaração, aparentemente dirigida ao FI, deixou a definição de valores republicanos aberta à interpretação.

Nos últimos dois anos, o FI tem enfrentado críticas constantes. A postura clara do partido contra a islamofobia, um contexto que a hostilidade relação aos muçulmanos na França é normalizada, é frequentemente caracterizada de forma maliciosa como uma descarada tentativa de atrair votos muçulmanos. Recentemente, as acusações de antissemitismo se intensificaram devido ao forte apoio do FI à proteção das vidas palestinas Gaza; a nomeação de Rima Hassan, refugiada palestina franco-palestina, para as eleições europeias; e a recusa de alguns membros rotular o Hamas como um grupo terrorista.

Como qualquer forma de racismo, o antissemitismo está historicamente e estruturalmente enraizado na França. Ele se manifestou muito frequentemente (assim como o islamofobia, o sexismo e a transfobia) e o FI deve continuar a abordar e combater o antissemitismo que persiste suas fileiras.

Mas a exclusão de um segmento inteiro da população não faz parte do programa do FI. De acordo com um relatório recente da Comissão Nacional Consultiva de Direitos Humanos, "a maioria do antissemitismo é manifestada entre os cidadãos à direita ou muito à direita".

O FI, liderado por Jean-Luc Mélenchon, um crítico ferrenho de Macron, emitiu um diretório claro antes do segundo turno: "Em nenhum lugar permitiremos que o RN prevaleça. Nossa postura é inequívoca: nenhum voto, nenhum assento para o RN." Os candidatos do FI se retiraram de corridas que o RN representava uma ameaça, incluindo contra Gérald Darmanin, o ministro do

Interior de direita, que, por contraste, disse que se abstinha vez de dar seu voto ao RN uma disputa de dois vias com o FI.

Gabriel Attal, o primeiro-ministro, acabou por sair com um chamado explícito aos eleitores para bloquear o RN, mesmo que isso signifique votar no FI. Embora muitos candidatos no campo de Macron tenham se retirado de corridas com candidatos do FI, alguns se recusaram a fazê-lo, mesmo à risca de deixar o RN vencer.

No entanto, todos os dias surgem novos exemplos do horror que o país está se mergulhando e que uma vitória do RN exacerbaria. Desde a dissolução do parlamento 9 de junho, houve um aumento de incidentes racistas e homofóbicos. Uma mulher negra insultada câmera por seus vizinhos brancos disse que a eleição havia aberto as comportas para um clima de intolerância relação às pessoas de ascendência migrante. Um motorista que disse ser um eleitor do RN é acusado de ter racialmente insultado e atingido um motorista de ônibus escolar após uma discussão de estacionamento Val-de-Marne. Folhetos racistas exigindo que as autoridades "parem os negros" foram distribuídos a moradores de uma pequena cidade na região dos Yvelines, no norte da França. Uma padaria Avignon que havia contratado um empregado negro foi alvo de um ataque à queima-roupa e marcada com grafite racista. Em Calais, houve uma série de incidentes violentos contra imigrantes. Eu poderia continuar.

Este é um sabor do tipo de atmosfera que o RN faria predominante. De acordo com a Comissão Nacional Consultiva de Direitos Humanos, a normalização do racismo está aumentando ao lado do apoio à extrema-direita. Isso não é surpreendente quando se considera que o Mediapart e o Libération investigaram candidatos do RN e não tiveram que cavar muito fundo para encontrar exemplos das formas mais brutais de racismo - incluindo antiziganismo, antisemitismo e islamofobia, sexismo, homofobia, teorias da conspiração e nostalgia nazista - alimentando suas feeds nas redes sociais.

Marine Le Pen conseguiu rebrandar seu partido, mas mantém fortes laços com grupos e construiu alianças com partidos europeus que são menos cautelosos esconder sua extrema. Ela tenta se distanciar da herança do partido cofundado por seu pai, Jean-Marie Le Pen, com ex-colaboracionistas nazistas. Ele foi acusado há muito tempo de torturar civis enquanto servia como paraquedista durante a revolução argelina e foi condenado por minimizar o Holocausto.

Inscreva-se em Esta é a Europa

As histórias mais urgentes e debates para europeus - de identidade a economia ao meio ambiente

Aviso de Privacidade: As newsletters podem conter informações sobre caridades, publicidade online e conteúdo financiado por terceiros. Para mais informações, consulte nossa Política de Privacidade. Nós usamos o Google reCaptcha para proteger nosso site e o Google Privacy Policy e os Termos de Serviço se aplicam.

após a promoção da newsletter

Mas o RN não apenas persegue uma política anti-imigrante rigorosa. Ele visa criar diferentes categorias de cidadãos franceses, privando os binacionais de direitos.

Este é o que o RN representa seu núcleo e por que deve ser impedido de prevalecer na próxima terça-feira. Parar a extrema-direita exige coragem e clareza moral: os políticos precisam colocar seus interesses individuais de lado no interesse de todos. Não podemos hesitar nossos princípios e correr o risco de empurrar a França para uma situação da qual não se recuperará. Para aqueles que são privilegiados, falhar fazer tudo o que estiver seu poder para bloquear o RN pode parecer aceitável. No entanto, eles precisam pensar sobre aqueles milhões cujas vidas estão em risco.

"Discutiremos mais tarde" tornou-se o lema das partes de esquerda que se coalisaram contra a extrema-direita. Isso deve ser aplicável a todos ao longo do espectro político que é capaz de derrotar a extrema-direita. A prioridade deve ser garantir que este partido nunca cruze a linha de poder.

Seleção da Semana

O Grande Charuto

Drama envolvente baseado em eventos reais, O Grande Charuto conta uma história selvagem e desgovernada sobre a relação entre o magnata de filmes Bert Schneider (Alessandro Nivola) e o Pantera Negra Huey P Newton (André Holland). Schneider produziu clássicos contraculturais de fim de século como Sem Destino mas sonhava com uma rebelião verdadeira. Ele a encontrou Newton, cuja situação jurídica perigosa exigia uma saída rápida dos EUA – então o par urdiu um plano para contrabandear Newton para Cuba por meio de uma produção de filme falsa. É uma história antiga de privilégio benevolente colidindo com perigo de verdadeiro outsider. "O que você morreria, Bert?" pergunta Newton certo ponto. No final, a pergunta se torna muito relevante.

Apple TV+, a partir de sexta-feira 17 de maio

Bridgerton

Hora de pegar um marido! ... Nicola Coughlan como Penelope Featherington Bridgerton. [casa de aposta que da bônus no cadastro](#)

Aqui está a primeira parte de uma terceira temporada do drama suntuoso e brilhante da Regência baseado nos romances de Julia Quinn (a segunda parte chega no próximo mês). Penelope Featherington (Nicola Coughlan) decidiu que continuar vivendo sob o mesmo teto que sua mãe não servirá mais. É hora de se casar. Com sua amizade com Eloise (Claudia Jessie) cada vez mais tensa, ela está isolada. Mas onde está seu amado Colin (Luke Newton)? Como há de se saber, ele está de volta de Paris e tão vagamente distinto e aloof quanto sempre: após um acendimento lento, seu ténue romance quase-romance é o coração da temporada.

Netflix, a partir da quinta-feira 16 de maio

Ashley Madison: Sexo, Mentiras e Escândalo

Fascinante ... Nia Ashley Madison: Sexo, Mentiras e Escândalo. [casa de aposta que da bônus no cadastro](#)

Muitas ideias da era inicial de ouro da internet parecem enganadas, incluindo o site Ashley Madison, que se especializava conectar pessoas procurando aventuras extraconjugais. Ashley Madison foi um sucesso mas não trancou sua porta traseira: a segurança online ainda estava suascentíficos e o site era um acidente à espera de acontecer. Esta série fascinante de três partes conta a história da aquisição, por hackers, do conteúdo do banco de dados do site – o que deixou os segredos íntimos de milhões de usuários expostos. Siga a longa fila de lições muito dolorosas para as corporações e pessoais.

Netflix, a partir de terça-feira 15 de maio

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: slot jogos

Palavras-chave: **slot jogos - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-11-20